



2125 - Pôster - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 11 - Educação, Comunicação e Tecnologia

HÁ UM TAMANCO NA MÁQUINA? ESCOLA E TECNOLOGIAS, COM A PALAVRA, OS ESTUDANTES
Amarildo Inácio dos Santos - FURB - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU
Gicele Maria Cervi - UNIVESIDADE REGIONAL DE BLUMENAU
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

Resumo

Esta pesquisa compõe uma cartografia feita em uma escola pública de Santa Catarina. A partir da problemática: a escola frente às tecnologias, o objetivo é analisar a relação entre escola e tecnologias pela ótica de estudantes do Ensino Médio. A metodologia empregada fundamenta-se nas teorias pós-críticas e a ferramenta de produção de dados foi o diário de campo composto por áudios gravados em reuniões do Grêmio Estudantil, acompanhadas nos meses de novembro de 2017 e fevereiro de 2018. Os mapas produzidos mostram que apesar de haver um descompasso entre a instituição escolar Moderna e a atual sociedade de controle com sua tecnologia, a escola segue produzindo subjetividades normalizadas, conforme se infere dos discursos dos estudantes.

Palavras-chave: Crise. Escola. Tecnologias.

HÁ UM TAMANCO NA MÁQUINA? ESCOLA E TECNOLOGIAS, COM A PALAVRA, OS ESTUDANTES

Resumo

Esta pesquisa compõe uma cartografia feita em uma escola pública de Santa Catarina. A partir da problemática: a escola frente às tecnologias, o objetivo é analisar a relação entre escola e tecnologias pela ótica de estudantes do Ensino Médio. A metodologia empregada fundamenta-se nas teorias pós-críticas e a ferramenta de produção de dados foi o diário de campo composto por áudios gravados em reuniões do Grêmio Estudantil, acompanhadas nos meses de novembro de 2017 e fevereiro de 2018. Os mapas produzidos mostram que apesar de haver um descompasso entre a instituição escolar Moderna e a atual sociedade de controle com sua tecnologia, a escola segue produzindo subjetividades normalizadas, conforme se infere dos discursos dos estudantes.

Palavras-chave: Crise. Escola. Tecnologias.

1 Introdução

Muito se fala em ensino à distância como a nova face da educação, a escola sem paredes, salas, carteiras e sem a presença, pelo menos física, do professor. Nesse sentido, as plataformas de aprendizagem online, que os estudantes acessam quando podem, surgem como uma alternativa mais ajustada à atualidade. “A educação pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora, tendo como referência professores reais ou virtuais” (NÓVOA, 75, p. 2009) e isso maximiza a produtividade, sintonizando-se com a contemporaneidade neoliberal. A partir das novas tecnologias, “Imaginam-se formas totalmente distintas de ensino, que tornam dispensáveis as escolas tradicionais [...]” (NÓVOA, 75, p. 2009) e diante desse cenário tecnológico, somos levados a concluir que há um tamanco na máquina, que a escola está em crise. Será?

O objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre escola e tecnologias pela ótica de estudantes do Grêmio Estudantil. A ferramenta de produção de dados foi o diário de campo composto por áudios gravados nas reuniões do Grêmio. Esta pesquisa compõe uma cartografia que “[...] consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 53), por isso, a metodologia empregada fundamenta-se nas teorias pós-críticas que “[...] utilizam uma série de ferramentas conceituais, de operações analíticas e de processos investigativos que as destacam tanto das teorias tradicionais como das teorias críticas que as precederam (PARAÍSO, 2004, p. 284)”. As pesquisas pós-críticas “[...] constituem sistemas abertos, compostos por linhas variadas, elas também compõem linhas, tomam emprestado algumas e criam outras (PARAÍSO, 2004, p. 284), assim sendo, o percurso metodológico das pesquisas pós-críticas se constroem no processo.

2 Escola, uma tecnologia de época?

Tecnologia de época é o termo que Sibilia (2012) usa para argumentar que a escola está em crise. A autora escreve que a escola foi inventada na sociedade disciplinar para produzir corpos disciplinados e parte da concepção de sociedade de controle, cunhada por Deleuze (2013), para argumentar que se já não estamos na sociedade disciplinar, a escola, inventada para produzir corpos necessários à essa lógica, é uma tecnologia de época que está em crise frente às tecnologias atuais que substituem a disciplina pelo controle. “A sociedade contemporânea aponta cada vez menos para o disciplinamento precoce e vertical de todos os corpos, privilegiando em troca um controle permanente, horizontal e minucioso” (SIBILIA, 2012, p. 169). A escola, com seu aparato voltado à disciplinarização dos corpos, estaria completamente desconectada da atual sociedade de controle, na qual dissolvem-se as paredes institucionais e o controle e a vigilância atuam sobre os corpos produzindo-os constante e ininterruptamente.

Varela e Alvarez-Uria (1992) escrevem que a escola é uma maquinaria que visa produzir subjetividades alinhadas à cosmovisão em vigor. Nesta perspectiva, se consideramos que a escola, em tempos de sociedade de controle, segue produzindo subjetividades a partir do disciplinamento dos corpos, pode-se pensar que a escola é, de fato, uma tecnologia de época, pois há “um desajuste coletivo entre os colégios e seus alunos na contemporaneidade” (SIBILIA, 2012, p. 14). Contudo, há que se considerar a função para a qual a escola foi criada, a produção de subjetividades. Teria a escola, atualmente, perdido a capacidade de produzir subjetividades?

3 O que dizem os estudantes?

Fala-se muito sobre a escola e as tecnologias, mas o que dizem os estudantes? O diálogo abaixo transcrito é oriundo de uma das reuniões do Grêmio Estudantil acompanhadas pelo pesquisador e gravadas com o consentimento do grupo. O diálogo serve como fonte de dados para

análise e como disparador de reflexões sobre as tecnologias atuais e a escola. Não houve proposição do pesquisador sobre a temática, ela surgiu espontaneamente enquanto eram discutidas melhorias para a escola. Os nomes são pseudônimos para garantir o sigilo das identidades dos participantes da pesquisa.

[...]

Samanta: eu acho que, querendo ou não, é um bem o celular.

Roberta: se tu souber usar, é.

Paulo: é um bem.

Carlos: é um bem se não for que nem certas pessoas aí tipo, na minha sala. Na minha sala tem... todo mundo fica mexendo no celular. O professor Marcos agora tava dando aula ali...

Samanta: [risos] tadinho.

Carlos: ow, o pessoal do meio não tava deixando ele dá aula, ficava só mexendo no celular e não prestava atenção, não é?

Roberta: é.

Priscila: cara, isso é uma coisa que...primeiro que a escola...não. O celular é bom pra pesquisa, pra isso, pra aquilo, só que tipo, primeiro que os alunos, ah, já vão fazer 18 anos, estão no Ensino Médio e não tem nem respeito com o professor, primeiro que já é uma coisa que tem que ter respeito, já acho bem errado aí. Se não tem respeito nem na escola, imagina quem dera fora ou em casa.

Samanta: devia achar um jeito de conscientizar os alunos.

Roberta: ah, tipo assim, eu penso assim, tu vai numa universidade, tem wi-fi pra todos os alunos, eles podem, é permitido o celular. Lá no SENAI é permitido o celular, só que assim oh, tu tá estudando, se o professor ver, pronto né. Só que assim, se ele parou de explicar, pode mexer. Ah é pra pesquisar uma coisa, pesquisa no celular, tudo assim, é uma coisa que ajuda só que também tem que ter limite.

Paulo: depende de cada um né, da consciência de cada um.

[...]

Infere-se do diálogo uma compreensão comum de que as tecnologias devem ter finalidade pedagógica. Contudo, de onde vem tal compreensão? Se considerarmos que “[...] um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão “seguir” aquele currículo” (SILVA, 2007, p. 15), então temos uma pista a seguir. O currículo visa produzir subjetividades normalizadas que facilitam a condução da população por meio dos processos de ensino-aprendizagem de conteúdos, valores e tipos específicos de raciocínio. “O aluno deverá aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles” (FOUCAULT, 2007, p. 140). Na escola, o código dos sinais é o conjunto de conhecimentos, valores e formas de raciocinar que os estudantes devem apreender e que compõem o currículo escolar que “[...] é sempre resultado de uma seleção” (SILVA, 2007, p. 15). Quando Samanta diz: “*eu acho que, querendo ou não, é um bem o celular*”, ela se refere às suas possibilidades na educação, isto é, ela tem um olhar pedagógico sobre o celular, o que é corroborado por Roberta que complementa: “*se tu souber usar, é*”. Mais adiante, Samanta continua: “*devia achar um jeito de conscientizar os alunos*”, pensamento compartilhado por Paulo: “*depende de cada um né, da consciência de cada um*”. Das falas de Samanta e Paulo, pode-se inferir um discurso normalizado que anseia pela normalização dos demais estudantes. Tal raciocínio é fruto de um currículo que produz “[...] o que é ‘visto’ e acreditado e sobre o que as crianças devem “possuir” e desejar como qualidades normais (POPKEWITZ, 2001, p. 108). A partir disso os estudantes passam a regular o seu *self* para que ele coincida com as normas preestabelecidas e a vigiar aqueles cujos *selfs* destoem. Sobre estes, se dirá que é necessário conscientizar e essa conscientização se faz segundo uma norma estabelecida que coincide com a norma difundida no currículo.

Paulo diz que depende de cada um, ou seja, “é preciso governar-se, controlar os impulsos, comportar-se de acordo com determinados códigos e refletir sobre as causas e consequências de nossos atos” (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 43). Mas conduzir a si não basta, pois, a condução de si não garante a confluência aos interesses estatais. Por isso, além de garantir que os sujeitos conduzam a si, é preciso garantir que esta condução conflua aos interesses do estado.

Para criar um estado de “governamentalidade” (uma mentalidade de governo, que aceite e valorize o governo), duas coisas são necessárias: em primeiro lugar, a condução de si próprio; e em segundo lugar a articulação, a união, a combinação de muitas conduções (a do pai, a do professor, inclusive a do médico) com a condução global de um estado moderno (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 44).

Para conduzir as conduções, são criadas as instituições, dentre elas, a escola, onde por meio dos processos educativos, ensina-se às populações como devem se conduzir, individual e coletivamente, de acordo com determinados padrões alinhados aos interesses plenos do Estado. “O governo das crianças ajustou-se, progressivamente a um modelo de confinamento em instituições que buscavam a formação completa, em todos os aspectos, da criança ou do adolescente” (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 50). O disciplinamento do corpo produz subjetividades correlatas a uma determinada ordem mental e social, como se pode inferir do diálogo acima transcrito.

4 Algumas considerações

As novas tecnologias modificam a relação ensino-aprendizagem, mas a escola continua produzindo subjetividades afinadas ao projeto estatal em vigor, conforme se infere dos discursos dos jovens que demonstram uma subjetividade normalizada que anseia pela normalização dos demais, o que está em consonância com os estudos de curriculistas pós-críticos, como Popkewitz (2001), que sinaliza que o currículo visa normalizar os estudantes. Portanto, no que se refere ao projeto, a escola não está em crise.

A crise sobre a qual Sibilia (2012) escreve, refere-se ao choque entre uma escola que ainda funciona produzindo subjetividades por meio do disciplinamento dos corpos quando já vivemos em uma sociedade de controle que produz subjetividades, não pelo disciplinamento, mas pelo controle constante que transcende as paredes institucionais por meio das tecnologias.

A despeito desse descalibramento, a escola continua, como escrevem Varela e Alvarez-Uria (1992), produzindo subjetividades, o que se verifica nos discursos dos estudantes, de modo que as novas tecnologias modificam a escola e as relações de ensino-aprendizagem, mas não obstam a função da Moderna instituição escolar, não constituem um tamarco nas engrenagens da maquinaria que segue operando a todo vapor.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS,

Eduardo. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

NÓVOA, António. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PARAÍSO, Mar Lucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, 2004.

POPKEWITZ, Thomas S. **Lutando em defesa da alma**: a política do ensino e a construção do professor. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. **A Maquinaria escolar**. Teoria & Educação. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.